

A REVISTA ILLUSTRADA E A FORMAÇÃO DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA NO INÍCIO DA REPÚBLICA NO BRASIL

Avance de investigación en curso

GT 32 – Sociología del Arte y la Cultura

Edilson Fernandes de Souza

Thiago Vasconcellos Modenesi

RESUMO

Este trabalho tem como principal objetivo estudar as estratégias e mecanismos de educar nos primeiros anos da República do Brasil. Para fazê-lo nos propomos a analisar as mudanças que ocorrem na época a partir do que se publicou na Revista Ilustrada. Nossa hipótese é que o publicado na referida revista possuía caráter educacional divulgando novos parâmetros para a higiene corporal da época, analisando reformas educacionais propostas, valorizando o surgimento de novas escolas e destacando as figuras heroicas da República. A análise da mudança dos hábitos e dos referenciais de higiene corporal, de boa escola e de civilizado nesse período histórico são analisados tendo como referencial teórico os escritos de Norbert Elias sobre o assunto.

PALAVRAS-CHAVE: Educação, charges, Revista Ilustrada.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem como principal objetivo o estudo das estratégias e mecanismos de educar nos primeiros anos da República do Brasil, a partir da ascensão do Partido Conservador e do fim do Império e do regime escravagista em nosso país. Para fazê-lo nos propomos a analisar as mudanças que ocorrem na época apoiados no que se publicou na Revista Ilustrada do início da República no Brasil até o fim da publicação.

Aqui se busca estabelecer a relação da educação e das propostas educacionais contidas em alguns materiais no novo contexto da República a partir que era publicado na Revista Ilustrada em algumas de suas capas, textos internos e ilustrações.

Assim apresentamos o seguinte problema de pesquisa: “A Revista Ilustrada foi parte do processo educacional inaugurado nos primeiros anos da República do Brasil, colaborando na divulgação e consolidação dos novos hábitos e costumes que chegaram junto com o novo regime?”.

A nossa hipótese é de que o publicado na Revista Ilustrada, em forma de texto e ilustrações, possuía caráter educacional divulgando novos parâmetros para a higiene corporal da época, analisando reformas educacionais propostas, valorizando o surgimento de novas escolas, como por exemplo a de engenharia, e destacando as figuras heroicas da República.

Com a República muda o referencial de civilizado e de educado, passa a se construir um novo paradigma que se apoia no sentimento de mudança e de novo, que vem naturalmente junto com a instauração de um regime diferente.

A análise da mudança dos hábitos e dos referenciais de higiene corporal, de boa escola e de civilizado nesse período histórico será analisada tendo como referencial teórico os escritos de Norbert Elias (1994).

Baseado na hipótese apresentada, onde acreditamos ter havido influência da Revista Ilustrada como veículo midiático, colaborando no alinhar da maneira de historiar e transmitir os fatos a população, na criação de uma espécie de método de transmitir os acontecimentos sobre um novo olhar,

fazemos a análise do que foi publicado na Revista na ausência de Angelo Agostini nos primeiros anos da República até o fim de sua publicação em 1910.

Neste contexto, podemos pensar que a teoria e a história da educação no nascedouro da República brasileira ganham novas nuances, elementos e análises no estudo que aqui fazemos. Logo, estamos diante de fontes históricas que mostram elementos educacionais, ideias com fundos pedagógicos que nunca foram estudadas com o foco de educar para o novo que surgia, para os novos conceitos de República.

Além disso, nos propomos dissecar as imagens e textos, analisar seus detalhes e buscar extrair as minúcias do novo que se construía e do que se buscava ensinar nesse novo contexto que ia se formando no período analisado.

2. A ORIGEM DAS CHARGES, CARICATURAS E HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Muito presente no que nos propomos a estudar as ilustrações veiculadas na Revista *Illustrada* não podem ser caracterizadas somente por esse nome, estão vinculadas a outra modalidade de imagem que vincula os desenhos a textos e que teve sua origem nesse período histórico. Passo a seguir a explicar conceitualmente o que as mesmas representam.

As caricaturas e charges têm sua origem na Europa. Caricatura vem do verbo “*caricare*” que significa exagerar, em italiano. Foi utilizada pela primeira vez quando os irmãos Agostini e Annibali Carraci tiveram sua obra chamada de “*ritratini carichi*” através dos comentários de A. Mosini que significou chamá-las de retratos carregados e fez uma referência à forma como os artistas retrataram pessoas comuns das ruas de Bolonha. A caricatura trabalha com o exagero de um indivíduo ou situação.

A palavra charge vem de carga, devido à quantidade de informação e crítica que nela se imprime. A charge é um texto de humor que aborda algum fato ou tema ligado ao noticiário. De certa forma, ela recria o fato de forma ficcional, estabelecendo com a notícia uma relação intertextual.

Uma das definições de histórias em quadrinhos se dá na sequência de imagens. Segundo Scott McCloud, histórias em quadrinhos são “imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada destinadas a transmitir informações e/ou produzir uma resposta no espectador” (2004, p. 9).

Diferentes gêneros utilizam a linguagem dos quadrinhos; Predomina na história em quadrinho as sequências ou tipo textual narrativo; As histórias podem ter personagens fixos ou não; A narrativa pode ocorrer em um ou mais quadrinhos, conforme o formato do gênero; Em muitos casos, o rótulo, o formato, o suporte e o veículo de publicação constituem elementos que agregam informação ao leitor, de modo a orientar a percepção o gênero em questão; A tendência nos quadrinhos é a de uso de imagens desenhadas, mas ocorrem casos de utilização de fotografias para compor as histórias. (RAMOS, 2010, p. 19)

O estudo das charges, histórias em quadrinhos e caricaturas hoje já possuem uma literatura publicada considerável. A função de ajudar na educação, de exaltar personalidades históricas e fatos importantes, ou mesmo obras inteiras da literatura universal, foi institucionalizado e assumido em alguns casos.

Vários governos de estados brasileiros e até mesmo o governo federal hoje possuem programas que financiam e publicam obras em quadrinhos que retratam a história de nosso país, obras de nossos autores. Tais publicações são vendidas, mas também distribuídas em bibliotecas públicas e de instituições de ensino.

Podemos então considerar o publicado na Revista *Illustrada* um ancestral do que hoje vive o Brasil na publicação de histórias em quadrinhos com fins educacionais, tão amplamente apoiadas e divulgadas pelos governos do nosso país.

3. POR QUE A REVISTA ILLUSTRADA?

Para que possamos entender o porquê da escolha da Revista Illustrada como objeto de estudo de nosso artigo passamos a explicitar a importância que a mesma teve na contestação do Império do Brasil e sua longevidade chegando até meados da República, onde adota uma postura de apoio, tornando-se praticamente um panfleto republicano (MARINGONI, 2011).

Fundada pelo italiano Angelo Agostini em 1º de janeiro de 1876 a Revista Illustrada foi uma publicação que teve relevância no Segundo Reinado do Império de nosso país, fato comprovado pela sua circulação muito maior do que a média do publicado na capital federal à época.

A Revista tornou-se parte do movimento pró-abolição e foi homenageada pela Sociedade Abolicionista do Rio de Janeiro por figuras importantes do movimento antiescravagista e republicano, como Joaquim Nabuco.

A opção da defesa do fim da escravidão tinha uma clara vinculação com a contestação do regime, não simplesmente uma postura humanista e solidária com os escravizados, mas acabou com o tempo atingindo parcelas mais largas da população e se vinculando a superação do velho, aqui representado pela monarquia, pelo novo que virá com a República.

A partir do estudado na dissertação de mestrado “Educação para Abolição: charges e histórias em quadrinhos no Segundo Reinado” (MODENESI, 2012), na perspectiva onde entendemos que a mesma ajudou a educar uma parcela mais ampla da população na defesa do fim da escravidão. Isso teria ocorrido por sua larga circulação e pela profusão de ilustrações que ficavam expostas nas bancas e pontos de comercialização da mesma.

A Revista Illustrada marcou época, começou tratando da crítica a assuntos triviais como falta de água, febre amarela e más condições de moradia, com o passar dos anos mudou o foco para crítica do regime imperial, da figura do Imperador e da escravidão como forma inconteste de opressão e uma das principais representações do Império quanto política e relações sociais.

Esse período, o que antecede a República, foi o auge da publicação, com tiragens de 3.000(três mil) exemplares, momentos com mais de uma edição semanal, capas ostentando ilustrações de Agostini criticando o Império, o senhor de engenho, a postura da sociedade indiferente perante o negro e sua situação na senzala, tudo isso amparado nessa circulação de grande porte para o período.

Na Revista Illustrada publicaram o Visconde de Taunay, Aluísio Azevedo, Olavo Bilac e vários jornalistas, poetas, romancistas e destacados abolicionistas. Com o advento do novo regime, mas principalmente com a ausência de Agostini, as coisas mudam.

Nos últimos anos do Império, seu editor e principal colaborador, Angelo Agostini, deixa o país. Na sequência ocorrem várias mudanças, no contexto novo passaram a viver em uma nação sem escravidão e republicana, altera-se a circulação da revista, com queda nas vendas e aumento dos preços, passando a atender um público mais elitizado, parte da elite republicana que surgia.

Apesar dos dez primeiros anos da República ser o período onde cresce a quantidade de pessoas remuneradas isso não foi acompanhado do aumento das vendas da Revista Illustrada, a queda de vendas teve como consequência um aumento de preço, a Revista não era a mesma sem seu editor Angelo Agostini.

As instituições criadas na República influenciaram a linha editorial da revista, a mesma passou a publicar nas suas páginas centrais, via de regra, desenhos retratando os “heróis” da República e seus feitos, verdadeiros retratos, ao analisarmos a perfeição e falta de exageros e caracterizações cômicas que tanto estiveram presentes nos anos anteriores a República.

Além disso, se torna comum a divulgação de textos e ilustrações na ótica da defesa do novo regime e de uma nova maneira de educar, seja nos hábitos de saúde, na maneira de retratar os feitos do novo regime e também na análise e divulgação do que vai passando a mudar na educação com a chegada da República.

A Revista Illustrada vai perdendo seu caráter contestador, marca de seu editor anterior, Angelo Agostini, chegando a um período de instabilidade editorial, onde muda sua periodicidade de publicação semanal para esporádica, tal fato é acompanhado pela queda do número de assinantes.

Mesmo assim era grande a quantidade de assuntos que a publicação abordava: obituários, peças, críticas de livros que eram publicados na época, ilustrações e muitos outros tipos de materiais que comunicavam com seu público. Dentre todos estes aqui analisamos os textos e ilustrações que abordavam questões vinculadas a educação ou que se propunham a educar.

Esse período histórico é onde surge a burguesia financeira brasileira, há todo um embate entorno do referencial a ser seguido na época, as alterações de costumes vão se dando lentamente, a República vai mostrando o quanto ainda tem de Império nas prática políticas e relações sociais.

4. O QUE NOS MOSTRA A REVISTA ILLUSTRADA

Neste artigo analisamos algumas ilustrações que demonstram as mudanças de hábito e a função que a Revista poderia cumprir como disseminadora dos novos costumes e referenciais de polidez que se formavam junto com o novo regime.

Além disso, discutimos partindo de uma capa da Revista Illustrada que nos mostra a questão educacional, pouco presente de maneira direta na publicação, mas muito de forma indireta, através do culto a imagem dos heróis, bem como das mudanças que vivem o Brasil e a capital federal à época.

Na edição 625, publicada em 1891, da Revista Illustrada analisamos a partir da tradicional ilustração em duas páginas que trata da “saúde” da Revista, entendo este termo como as condições em que se encontram a publicação frente ao momento histórico que vive o país.

Em traços detalhistas o autor descreve a chamada “higiene”, segundo a grafia da época, que mudava. Exemplifica isso com o saneamento, e as mudanças que isso acarretaria causando mais despesas e evitando a febre amarela, um mal que abalava profundamente a saúde pública naquele período.

De forma bem humorada a Revista educa e faz campanha pela mudança, contesta novas despesas, mas não nega a necessidade de se alterar o sistema de água e esgoto com a finalidade de combater um mal. A ilustração também mostra os bondes a tração animal do período e as mortes que os mesmos acarretavam ao serem conduzidos de maneira irresponsável. Isso, segundo as ilustrações, não estava de acordo com o referencial de segurança e civilização que se esperava viver neste novo tempo republicano.

Já na edição 643 do ano de 1892 a Revista lembra a data do centenário da execução de José Joaquim da Silva Xavier, o Tiradentes. Em ilustração de página inteira a execução é retratada com forte presença popular e guardas, é clara a indignação dos que assistem ao fato. Aqui temos a representação de uma forma distinta do que os tradicionais livros didáticos mostram, com mais presença popular e revolta frente a execução de uma figura destacada da história nacional.

Por fim, analisamos a capa da edição 642 do ano de 1892 que trata de maneira cômica da reforma educacional do intendente Tasso Fragoso, chefe da junta governativa provisória que em 1930 governou o Brasil. O desenho nos mostra uma criança com o rosto expressando deboche e fazendo figuras bastante rudimentares e simples numa tela, por outro lado o intendente é retratado deslumbrado, com as duas mãos juntas e expressões faciais de surpresa com os resultados que para ele parecem positivos da chamada “instrução da segunda infância”, como é descrito no subtítulo da capa.

A educação proposta pela junta governativa é retratada como algo que teria como foco a formação mais artística no sentido de ocupar o estudante, de manter o mesmo na escola e dar-lhe atribuições de pintura que ocupassem seu tempo. A chamada segunda infância seria nossa atual pré-adolescência.

Neste novo contexto republicano, frágil na perspectiva política, aonde os governos do início deste ciclo tinham dificuldades de manter, é clara a fragilidade de se construir políticas públicas mais consistentes, visto que o núcleo do poder político não era forte e mesmo detentor de consistência. Sendo assim, a chamada reforma educacional aqui retratada é criticada na perspectiva de algo inovador, mas que não educava plenamente, apenas ocuparia o estudante no sentido de aprofundar seus dotes artísticos.

Vale destacar que esta é a primeira vez que o tema educação ocupa explicitamente a capa da Revista Ilustrada em toda a sua história, indiretamente se faz presente na retratação de hábitos, costumes, políticas de higiene e outras mudanças que a publicação retrata e transmite aos seus leitores, educando no sentido do novo e da mudança que ocorre na República.

5. UMA REVISTA QUE VAI PERDENDO FORÇA: UM NOVO CONTEXTO HISTÓRICO.

Tantas mudanças, na Revista e no contexto, mostram um novo momento que vive o país e tudo que isso acarreta, historicamente ocorre uma ruptura com o Império e as forças que este representava, há o declínio das estruturas políticas que mantinham o regime somado a uma articulação crescente de descontentamentos em setores do exército, clero, camadas médias urbanas e fazendeiros da região oeste do estado de São Paulo.

É no período republicano que a Revista passou a ter um comportamento de panfleto pró-regime, há uma sequência de publicação de personagens por suas páginas se torna uma regra, começando por Deodoro da Fonseca que era desenhado jovem e vigoroso enfrentando os inimigos do regime, que aqui sempre eram confundidos com os inimigos da pátria.

A Revista Ilustrada também apoiaria o golpe de 1891, onde Deodoro fechou o congresso, e seria contrária ao voto feminino, mostrando-se ligada ao conservadorismo no terreno dos costumes.

A partir do novo contexto surge a necessidade de se educar, de se construir uma nova escola e uma nova referência dentro da retratação dos personagens históricos e da maneira de encarar o passado recente do país.

Aqui é onde entendemos que a Revista Ilustrada pode ter estado a serviço de educar e oferecer caminhos para a exaltação da pátria, de seus heróis e do novo regime como o justo, correto e democrático.

A Revista Ilustrada era voltada para parte da elite da época e considerada cara (mil réis a unidade), visto que a República foi acompanhada do avanço técnico da imprensa na sua primeira década que mudou os paradigmas de custos, tiragem e circulação, devido a evolução da economia capitalista no país. Aqui começam a se formar grandes empresas jornalísticas.

Surge em 1891 o Jornal do Brasil, com tiragem de 5.000 exemplares e custo de 40 réis, o periódico atrai vários intelectuais da época, muitos que outrora haviam publicado na Revista Ilustrada (MARINGONI, 2011).

Nesse período também volta ao Brasil Agostini, o italiano passa a publicar uma revista semanal chamada Don Quixote, a publicação também não acompanha o desenvolvimento da imprensa e se torna cara, assim como a Revista Ilustrada, custando ambas um mil réis.

Tanto a Revista Ilustrada como a Don Quixote quer pelo preço, quer pela posição social de seus editores, eram voltadas para uma reduzida parcela da sociedade e fortemente atingidas pelas mudanças que ocorrem na imprensa e no contexto.

Mas tal nova sociedade ainda precisa ganhar o coração e a mente da população, para isso é preciso construir uma escola vinculadas ao novo regime e, principalmente, novas formas de divulgar as mudanças pelas quais o país passou acompanhado dos novos parâmetros de civilizado, visto que as mesmas levaram anos e anos para atingir o conjunto do país.

6. AS IDEIAS QUE SUSTENTAM NOSSA PESQUISA

Diante do que propomos o sociólogo alemão Norbert Elias é definido aqui como o teórico que possibilita a compreensão de que as ações humanas não acontecem de forma totalmente livre, no decorrer da construção do processo civilizatório as sociedades foram desenvolvendo e aperfeiçoando mecanismos de controle e autocontrole que recaem sobre os indivíduos e seus comportamentos.

Assim, os processos de controle agem não apenas no sentido de promover uma polidez de comportamentos e também são responsáveis pela organização estrutural da sociedade, aqui tratamos à afirmação no contexto da mudança, da transição, e com essa nova realidade a necessidade de toda a readequação educacional, teórica e cultural para sustentar a República que nascia.

Acreditamos que a questão aqui a ser aprofundada é a busca da vinculação do que aqui estudamos e a questão educacional. Fazemos isto neste artigo partindo do alinhar das nossas fontes, nosso objeto de estudo, na lógica da educação que se constrói para um novo momento histórico, um novo tempo que se iniciava no Brasil. Assim, o entendimento de um sentido mais amplo de educação é fundamental.

Entendemos que a educação não acontece só na escola e nem o professor é seu único agente, existem diversas maneiras de abordar a educação e cada uma atende a sociedade em que ocorre, já que é a forma de reprodução dos saberes que compõe uma cultura, sendo assim, a educação de uma sociedade tem identidade própria (BRANDÃO, 2005).

Outro assunto que a seguir detalhamos e é fundamental para melhor entendimento do que nos propomos a realizar neste artigo é o conceito elisiano de civilização e de processo civilizador, já que aqui estudamos as mudanças na civilização brasileira, ou até mesmo a edificação da civilização brasileira.

O Processo Civilizador, como chama Elias, relacionado a essa série de outros processos sociais e históricos, nem sempre caminharia no rumo do adiante, em alguns momentos ocorrem recuos que se traduzem em seus contrários.

No caso da República, temos a situação onde a Revista a descrevia como o progresso, o novo incontestável e unânime, sem oposições ou fissuras. Já a história nos mostra que não foi bem assim, revoltas como a de Canudos mostravam outro contexto, onde a situação de progresso, de edificação da civilização, de que a República seria o novo e o melhor era posto em xeque.

O termo civilização teria origem na sociedade francesa no final da Idade Média, segundo o autor. Divulgada, ao longo dos séculos como um sinônimo de nobreza, de superioridade cultural, de humanidade, tal palavra ganhou relevância no mundo ocidental.

Seu aspecto mais profundo era o de um conjunto de normas voltadas para a lógica de controle dos hábitos humanos. Assim, ainda de acordo com Elias, a civilização se firmou como instrumento de distinção social tornando-se um dos processos mais ativos no correr da história.

No decorrer do processo de civilização, a sociedade foi desenvolvendo dispositivos de controle que incidem sobre o comportamento dos indivíduos. De acordo com Elias (1994) esses são representados pelos “discursos ou práticas normativas, poderes mais ou menos institucionalizados e mecanismos de autocensura ou de autocontrole”.

Os mecanismos de autocontroles civilizadores permitiram uma introjeção de normas sociais em longo prazo, de maneira mais ou menos inconsciente. Em muitos casos, as mudanças comportamentais se processaram gerando um refinamento dos modos de ser, agir e pensar a sociedade. Porém, o grau dos comportamentos “civilizados” muda de sociedade para sociedade, conforme se encontra seu estágio de desenvolvimento.

Por outro lado, os processos de controle também são responsáveis pela organização estrutural da sociedade. Nesse sentido, os rumos tomados por um grupo a partir da forma como o controle é

exercido dentro dele podem, por exemplo, revelar quem está em vantagem no equilíbrio de poder, num dado momento, em seu interior. O equilíbrio de poder integra todas as relações humanas, seja entre grupos políticos, entre professores e alunos numa escola.

A Revista Ilustrada era uma das engrenagens de controle deste período, ia à contramão ao que serviu no Império, onde foi objeto de questionamento e contestação do regime que ora governava o país.

Nossa intenção aqui ao se definir os termos Educação e Civilização deve-se a necessidade de correlacionar tais conceitos com a busca da identificação de processos de ensino e aspectos que venham colaborar o entendimento do desenvolvimento educacional da época.

7. O MÉTODO QUE USAMOS E AS CONCLUSÕES AS QUAIS CHEGAMOS

Aqui partimos da análise das ilustrações e textos publicados na Revista Ilustrada no fim da escravidão, passando pela instauração da República até o fim da publicação da Revista, no período republicano.

O primeiro contato com nossa fonte, como já citado, se deu na pesquisa de mestrado desenvolvida em 2009 e 2010. Este trabalho tinha como centro a discussão da utilização de charges e histórias em quadrinhos publicados por Agostini na Revista Ilustrada como instrumento educacional não formal que colaborou no espraiamento do ideário abolicionista para além da Corte do Império, galvanizando setores do povo menos letrado.

Tal contato nos permitiu observar que a Revista Ilustrada teve grande duração, 22 anos de publicação, e várias fases e mudanças no seu corpo editorial, desenhistas, maneira de encarar o regime e periodicidade.

Esses documentos e ilustrações contidos na Revista Ilustrada foram pesquisados no Arquivo Público do Rio de Janeiro e arquivos microfilmados da Universidade de Campinas – Unicamp. Foi nessa primeira pesquisa que tivemos a convicção que era possível ir além, que a Revista e seu conteúdo poderiam nos oferecer mais e poderiam seguir tendo relação com a educação, como verificamos nas ilustrações do período imperial.

Desta maneira, a análise das ilustrações e outros documentos correlatos foram feitas a partir de um olhar pedagógico, mas sem perder de vista a sua historicidade, já que os documentos se encontram inseridos num complexo contexto político-social, sendo agentes desse processo de normatização social.

Como realizamos uma pesquisa no campo da teoria e história da educação, é de grande importância ampliar o uso das fontes. No caso do presente artigo confrontamos as fontes iconográficas e documentais. Nessa perspectiva aqui procuramos identificar, registrar, analisar, compreender o contexto da época e suas características e limitações.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Que é Educação**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

CAVALCANTI, Carlos Manoel de Hollanda. **Ângelo Agostini e seu “Zé Caipora” entre a Corte e a República, in: História, imagem e narrativas**, Nº 3, ano 2, setembro/2006 – ISSN 1808-9895 (pesquisada em 10 de dezembro de 2010).

CARDOSO, Athos Eichler. **As aventuras de Nhô-Quim & Zé Caipora: os primeiros quadrinhos brasileiros 1869-1883**. Distrito Federal: Senado Federal, 2002.

CHINEN, NOBU. **Linguagem HQ Conceitos Básicos**. São Paulo: Editora Criativo, 2011.

- CIRNE, Moacy. **História e crítica dos quadrinhos brasileiros**. Rio de Janeiro: Europa-FUNARTE, 1990.
- EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- ELIAS, Norbert. **Introdução à sociologia**. Lisboa, Portugal: Edições 70.
- _____. **Escritos e ensaios; 1: Estado, processo, opinião pública**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- _____. **O processo Civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 1994 a. 1 v.
- _____. **Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder de uma pequena comunidade**. RJ: Jorge Zahar. Ed, 2000.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia & história**. 2ª ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- MARINGONI, Gilberto. **Angelo Agostini: A Imprensa Ilustrada da Corte à Capital Federal, 1864 – 1910**. São Paulo: Editora Devir, 2011.
- MCCLLOUD, Scott. **Desvendando os Quadrinhos**. São Paulo: Editora M Books, 2004.
- MODENESI, Thiago. **Educação para Abolição: charges e histórias em quadrinhos no Segundo Reinado**. Recife: UFPE, 2012.
- RAMOS, Paulo. **A leitura dos Quadrinhos**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.
- SOUZA, Edilson Fernandes. **Entre o Fogo e o Vento: As práticas de Batuques e o controle das Emoções**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2001.